

O GÊNERO MEMORIAL COMO PROCESSO DIALÓGICO DE (RE)CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Tania Benedita Fortunato Silva¹
Cristhiane Ferreguett²

Resumo: Este artigo apresenta duas análises de memoriais produzidos, em sala de aula, por alunos do nono ano do Ensino Fundamental II, oriundos da zona rural e da zona urbana, matriculados no 9º ano do Colégio Municipal Anísio Teixeira – CMAT, na cidade do Prado, estado da Bahia. Discute-se como esses memoriais se constroem, representam e se relacionam com as identidades dos alunos escritores. Identifica-se, a partir de uma análise comparativa, os pontos de aproximação e/ou distanciamento da construção identitária dos alunos do nono ano, oriundos da zona rural e da zona urbana, através dos memoriais - *corpus* desta pesquisa. Como embasamento teórico-metodológico, discute-se a abordagem específica da pesquisa em ciências humanas apresentada pela Análise Dialógica do Discurso, Bakhtin (2017), Volóchinov (2017) e Medviédev (2012). Destaca-se a discussão sobre gêneros do discurso, na perspectiva bakhtiniana, para melhor compreensão dos memoriais e das relações dialógicas presentes nos discursos dos sujeitos desta pesquisa. As análises são desenvolvidas de modo qualitativo e comparativo, observando semelhanças e diferenças nos discursos verbais que constituem os memoriais selecionados, sendo um de estudante da zona urbana e outro da zona rural.

A partir das análises realizadas, percebeu-se como as experiências passadas e sonhos futuros desses sujeitos refletem suas identidades em formação, contrariando estereótipos e destacando a importância da família e do ambiente social na construção de suas identidades.

Palavras-chave: Construção identitária; Gênero discursivo; Memorial.

Introdução

Apresentaremos neste artigo um recorte do trabalho de pesquisa realizado durante a produção de nossa dissertação de mestrado, defendida em junho de 2024 no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), Departamento de Educação – Campus X da Universidade do Estado da Bahia. Pontuamos, neste trabalho, os objetivos da pesquisa e destacamos a metodologia sistematizada para analisar

1 Mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade do Estado da Bahia- UNEB – Campus X. Professora da Educação Básica. E-mail: taniafortunatof@gmail.com.

2 Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –PUCRS. Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia- UNEB- Campus X. E-mail: cferreguett@uneb.br.

os memoriais produzidos por alunas do nono ano do Ensino Fundamental do Colégio Municipal Anísio Teixeira, na cidade de Prado- Bahia – nosso *corpus*, e os resultados de duas, das quatro análises realizadas na dissertação

Dessa forma, apresentamos as análises de memoriais escritos por duas alunas do nono ano do Ensino Fundamental II, sendo uma oriunda da zona rural e outra da zona urbana, matriculadas no 9º ano do Colégio Municipal Anísio Teixeira – CMAT, na cidade do Prado, estado da Bahia. E a partir dessas análises, discutimos como esses memoriais são construídos, representam e se relacionam com as identidades das autoras. Identificamos, a partir de análises comparativas, os pontos de aproximação e/ou distanciamento da construção identitária das alunas do nono ano, oriundas da zona rural e da zona urbana, através dos memoriais - *corpus* da pesquisa - produzidos por elas, em sala de aula. Como embasamento teórico-metodológico, integramos a abordagem específica da pesquisa em ciências humanas apresentada pela Análise Dialógica do Discurso (ADD) desenvolvida principalmente, pelos membros do Círculo de Bakhtin - com Bakhtin (2017), Volóchinov (2017) e Medviédev (2012).

Na primeira seção de desenvolvimento deste artigo, traçamos um panorama da teoria da ADD e a importância do estudo do gênero do discurso. Percebemos que a ADD desempenha um papel fundamental na compreensão do gênero do discurso memorial ao evidenciar os intricados alinhavos que permeiam as formas comunicativas. Por meio desta teoria, foi possível analisar a interação entre signo ideológico, palavra e enunciado, revelando como esses elementos conferem significados e refletem posturas ideológicas no contexto discursivo. Destacamos também o dialogismo e a alteridade como elementos essenciais na co-construção coletiva dos discursos, demonstrando como as diferentes vozes e perspectivas se entrelaçam na produção de sentidos.

Observamos que a responsabilidade e a compreensão responsiva na ADD ressaltam a importância da reciprocidade e da empatia na comunicação, influenciando diretamente na elaboração e na interpretação dos discursos dentro do gênero discursivo memorial. Em seguida, discutimos o aporte teórico-metodológico da pesquisa estruturado por Volóchinov (2017) em diálogo com o modelo metodológico sistematizado por Ferreguett (2014), que nos possibilitou a compreensão dos memoriais e de suas relações no processo de inter-relações dialógicas. A memória discursiva que cada grupo informou sobre processos identitários em formação, assim como a interpretação das questões reflexivas mediante o gênero discursivo produzido a partir da ótica dos sujeitos envolvidos.

1 Gênero do Discurso na Perspectiva da ADD

A indagação dos mecanismos pelos quais os indivíduos exercem responsabilidade em suas ações e compreensões é uma questão que permeia o discurso filosófico contemporâneo. A obra de Mikhail Bakhtin oferece uma abordagem singular para

a compreensão dessas práticas. Em particular, seus conceitos de enunciado, signo ideológico, gênero do discurso, dialogismo, alteridade, ato responsável e compreensão responsiva apresentam uma paisagem rica para a exploração de empreendimentos sociointeracionistas inerentes à condição humana. Nesse contexto, visamos investigar como esses conceitos se manifestam, frisando a interdependência relacional e os imperativos éticos nessa perspectiva que implica uma atitude aberta, sensível e reflexiva em relação às vozes sociais presentes na interação.

Nessa perspectiva, a concepção de gênero do discurso em Bakhtin é uma abordagem que enfatiza o caráter social e interativo da linguagem. Segundo Bakhtin (2017), o discurso é uma forma de interação humana que ocorre em diferentes contextos e situações comunicativas. No entanto, para estudarmos o gênero do discurso em Bakhtin, é preciso ir “além de os gêneros do discurso”, como pontua Maciel (2011, p. 29), “parece-me razoável ir além do famoso texto *O Gênero do Discurso* (Bakhtin, [1952-1953]), buscando em outros escritos as origens do pensamento, o qual é condensado nesta obra de Bakhtin dos anos cinquenta.” À semelhança do que diz Maciel (2011), Oliveira (2021, p.54) corrobora ao afirmar que “essa travessia pelas obras é necessária porque o conceito de gênero do discurso está intimamente ligado a outros conceitos, como, por exemplo, signo ideológico, ética, estética, dialogia.” E nas palavras de Bakhtin (2017, p.12), “pode parecer que a heterogeneidade dos gêneros discursivos é tão grande que não há nem pode haver um plano único para o seu estudo[...]”. Todavia, não é possível abarcar toda a discussão sobre Gênero do Discurso em um artigo. Assim, pontuaremos aspectos fundamentais que dialoguem com o gênero do discurso memorial.

Para Bakhtin (2017, p.12), “a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana [...]”. E para isso, “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos[...]” (Bakhtin, 2017, p.11). Nessa perspectiva, “o gênero do discurso não é uma forma da língua, mas uma forma típica do enunciado; como tal forma, o gênero inclui certa expressão típica que lhe é inerente: no gênero a palavra ganha certa expressão típica” (Bakhtin, 2017, p. 52). Esse filósofo da linguagem – designação dada pelo próprio Bakhtin a ele mesmo em entrevista concedida a Viktor Duvakin em 1973 (2008, p.45) - enfatiza a natureza social e interativa da linguagem, destacando como os diferentes contextos e situações influenciam a forma como nos comunicamos.

Bakhtin abordava os gêneros do discurso como formas padronizadas de comunicação que surgem em contextos específicos, moldadas por fatores sociais, culturais e históricos. Para ele, esses gêneros vão além de meras formas de expressão, funcionando como modos de interação que refletem relações de poder e ideologias presentes na sociedade. Ele enfatiza que, em nossa comunicação, utilizamos uma variedade de gêneros, tanto orais quanto escritos, com diferentes níveis de habilidade e confiança, e menciona que até na conversação mais informal moldamos nosso discurso conforme determinados gêneros.

Além disso, Bakhtin destaca que os campos de atuação humana e seus usos da linguagem são dinâmicos e complexos, evoluindo à medida que se desenvolvem. Ele classifica os gêneros do discurso em duas categorias: Gêneros Primários, os quais são considerados simples, e Gêneros Secundários, sendo mais complexos. Essa categorização reflete a diversidade e a adaptação da linguagem em diferentes contextos sociais e culturais.

Para Bakhtin (2017), os gêneros do discurso são caracterizados por suas distinções entre primários e secundários, cada um apresentando estruturas linguísticas e finalidades comunicativas específicas. Por exemplo, um discurso religioso visa convencer e transmitir valores, enquanto um discurso político visa persuadir e influenciar a opinião pública. Apesar dessas diferenças, os gêneros primários e secundários interagem e se influenciam mutuamente no processo de elaboração discursiva.

Além disso, Bakhtin também analisa a relação entre estilo, conteúdo e forma composicional, dimensões indissociáveis na constituição dos gêneros do discurso, afirmando que esses elementos refletem as condições e finalidades de seus campos específicos. Oliveira (2021) complementa essa visão ao enunciar que a combinação de conteúdo temático, estilo e construção composicional forma uma tríade que proporciona estabilidade aos gêneros. Contudo, essa relação deve ser entendida como dinâmica e interconectada, fundamentada em estudos e abordagens da teoria da Análise Dialógica do Discurso.

É importante ressaltar que a ADD não vê o gênero do discurso como algo rígido ou fixo, mas sim como algo dinâmico, que se adapta às mudanças sociais e históricas. Além disso, a compreensão e o uso adequado dos gêneros do discurso são essenciais para a construção de uma comunicação efetiva e inclusiva.

A Análise do Discurso (ADD) propõe o conceito de signo semiótico, onde a semiose resulta da união entre a representação material e a significação, afirmando que sem signos não há ideologia (Volóchinov, 2017). Um objeto material somente se transforma em signo ao representar outra realidade, podendo distorcê-la ou refletir uma perspectiva específica.

Os signos estão intimamente relacionados ao campo ideológico, com Volóchinov afirmando que “tudo que é ideológico possui significação sígnica” (2017, p. 93). Essa relação entre signos é contínua e única, e qualquer produto de consumo pode se tornar um signo ideológico, pois “a consciência se forma e se realiza no material sígnico criado no processo da comunicação social de uma coletividade organizada” (idem, 2017, p. 97). Exemplificando, Volóchinov (2017) menciona o pão e o vinho como símbolos religiosos que, apesar de serem produtos de consumo, foram transformados em signos ideológicos. Ele observa que todo discurso carrega posicionamentos ideológicos, refletindo a “ideologia do cotidiano” que molda nossas ações e estados conscientes (Idem, 2017, p. 213).

Ademais, a realidade do signo é determinada pela comunicação, pois, segundo a ADD, a existência de um signo é a materialização da comunicação, que acontece

em plenitude e clareza na linguagem - o signo verbal- sendo a palavra um “fenômeno ideológico par excellence” (Volóchinov, 2017, p.98). E cabe à palavra a função de ser signo.

Bakhtin (2017) enfatiza que a palavra deve ser entendida não como uma unidade isolada, mas como parte de um complexo sistema de interações sociais, carregando um histórico de perspectivas, valores e vozes. E segundo Volóchinov, “toda palavra serve de expressão ao ‘um’ em relação ao ‘outro’, permitindo que eu me defina do ponto de vista do outro e da minha coletividade” (Volóchinov, 2017, p. 205). Portanto, na Análise do Discurso (ADD), o sentido da palavra se completa apenas dentro de um contexto comunicativo, que se materializa por meio dos enunciados — unidades completas de fala que conferem vida e significado à palavra. Cada enunciado integra-se a uma “corrente complexamente organizada de outros enunciados” (Bakhtin, 2017, p. 26), o que destaca a relevância do contexto social, cultural e histórico na produção e compreensão da linguagem. Assim, os significados das palavras e dos enunciados são construídos em interação com outros falantes, sendo imprescindível considerar o contexto de produção e interpretação. Nesse sentido, Bakhtin (2017) pontua que

Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos. (2017, p. 54)

A compreensão da palavra e do enunciado na perspectiva do Círculo de Bakhtin nos permite uma visão mais ampla e dinâmica do processo de comunicação humana, conforme explicitado por Volóchinov (2017, p.204), “o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence.” Ao considerarmos o contexto social e histórico, bem como a interação entre os falantes, adquirimos uma compreensão mais rica e complexa da palavra.

Volóchinov (2017, p.207) afirma que “o enunciado no processo da sua constituição ‘ainda dentro da alma’, a essência em questão não será alterada, pois a estrutura da vivência é tão social quanto a estrutura da sua objetivação exterior [...] É claro que essa orientação social da vivência pode possuir diferentes graus de consciência, precisão e diferenciação”. Em outros termos, os sentidos são pautados pela formação discursiva em que o enunciador está inserido.

Para a ADD, a interação entre interlocutores é o princípio essencial da linguagem, indo além da simples comunicação. Ela sustenta que a linguagem é instituída através da interação humana, onde o homem e sua vida são essencialmente dialógicos, sempre em comunicação com outros e com os signos ao redor. Bakhtin (2003)

destaca que “a vida é dialógica por natureza”. O conceito de dialogismo, conforme Bakhtin (2017), enfatiza a importância das vozes dos outros na comunicação.

O dialogismo de Bakhtin (2017) apresenta um desvio dos modelos tradicionais que veem o diálogo como mero intercâmbio de informações. Ele aponta dois tipos de relação dialógica: a primeira é a relação entre os sujeitos (interlocutores). E a segunda é a relação do sujeito com a sociedade, com o seu contexto sócio-histórico. “Nesse diálogo, o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal.” (Bakhtin, 2010a, p. 348).

E essa perspectiva bakhtiniana não se limita apenas nesses pressupostos, mas leva em consideração a concepção de alteridade. Essa concepção é transcendente, além da consciência da existência do outro, perceber o estranhamento e o pertencimento. O outro é o lugar da incompletude e da transitoriedade e, concomitantemente, o lugar da percepção e do contexto de existir. E ao se opor à visão unidirecional da linguagem, Bakhtin argumenta que,

O simples fato de que eu, a partir do meu lugar único no existir, veja, conheça um outro, pense nele, não o esqueça, o fato de que também para mim ele existe – tudo isso é alguma coisa que somente eu, único, em todo o existir, em um dado momento, posso fazer por ele: um ato do vivido real em mim que completa a sua existência, absolutamente profícuo e novo, e que encontre em mim somente a sua possibilidade. (Bakhtin, 2010b, p.98).

Na concepção bakhtiniana, a relação com o outro, na linguagem é possível “[...] a empatia, a coincidência com o outro, a perda de meu lugar único na singularidade do existir [...]” (Bakhtin, 2010b, p.62). Isso estabelece a maneira como a relação que o sujeito estabelece consigo mesmo e com o outro. O “eu” revela-se na sua unicidade, na individualidade, e também na sua alteridade, na relação com o “outro”.

Faraco (2009, p.19) pontua que Bakhtin, em seu livro *Para uma filosofia do ato responsável*, critica a ideia de sistema, pois neste não há espaço para o individual, o singular, o irrepitível, o evêntico. E acrescenta que, apesar de Bakhtin se posicionar criticamente em relação à teoria, ao teoreticismo, ele não rejeita. Ao contrário, reconhece a importância deste. O que ele não aceita é sua total desvinculação do mundo da vida.

Bakhtin discute essa indissociável relação do sujeito entre o eu e o outro. Ele enfatiza a importância de considerar as vozes e perspectivas do outro na comunicação. Ao estabelecer essa relação, Bakhtin instaura a arquitetônica do mundo real do ato singular, do ato responsável. “É o fato vivo de um ato primordial ao ato responsável, e criá-lo, juntamente com seu peso real e sua obrigatoriedade; ele é o fundamento da vida como ato, porque ser na vida significa agir, é ser não indiferente ao todo na sua singularidade” (Bakhtin, 2010b, p.99). No ato responsável, há todos

os valores de espaço, tempo, cultura, etc., que se organizam nas inter-relações, as quais permitem ver a si próprio, sem perder sua identidade, e o outro numa concepção única, na “unicidade” - “eu-para-mim, outro-para-mim e eu-para-o-outro”.

Um “ato responsável”, na ótica de Bakhtin, é uma ação realizada com plena consciência da própria participação no diálogo infinito da existência. O indivíduo adota uma postura onde todas as ações são performadas nas suas interações.

Somente a partir do interior de tal ato como minha ação responsável, e não de seu produto tomado abstratamente, pode haver uma saída para a unidade do existir. Somente no interior de minha participação pode ser compreendida a função de cada participante. No lugar do outro, como se estivesse em meu próprio lugar [...] (Bakhtin, 2010b, p.65).

Para Bakhtin (2017), a linguagem não é apenas um sistema de códigos e regras gramaticais, mas sim uma forma de interação social que se molda e é moldada por seus participantes. Nesse sentido, o ato responsável vai além da simples emissão de palavras ou enunciados, envolvendo uma consciência ativa do contexto, dos interlocutores e das preocupações comunicativas.

O ato responsável implica a habilidade de considerar o outro como sujeito ativo e responsivo na comunicação. A teoria do ato responsável e compreensão responsiva, na perspectiva de Mikhail Bakhtin, traz à tona aspectos essenciais sobre a natureza da linguagem, reflexões das interações humanas e do papel dos sujeitos responsáveis na esfera comunicativa.

Para Bakhtin (2010b), cada indivíduo traz consigo uma bagagem singular de experiências e conhecimentos, que atua como elemento influenciador na forma como compreende e responde aos enunciados. “Desde o início, o falante aguarda a resposta deles, espera uma ativa compreensão responsiva. É como se todo o enunciado se construísse ao encontro dessa resposta” (Bakhtin, 2010a, p.301). Dessa maneira, a compreensão responsiva caracteriza-se como uma construção bilateral.

Assim, torna-se significativo estabelecer uma relação do gênero discursivo memorial com a teoria da ADD. No sentido geral, as memórias reputam a um outro tempo, “uma terra distante” (Fortuna, 1997, p. 131), ou seja, o tempo passado. No entanto, Sartori (2008), na tese na qual trabalhou com memorial de formação, atribui que em memórias “por mais nítida que pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que se experimenta no passado, porque não se é o mesmo de então e também porque a percepção alterou-se e, com ela, as ideias, os juízos de valor, a forma de pensar e agir sobre o mundo” (2008, p.98). Portanto, o sujeito que relata suas experiências constrói uma narrativa baseada em pontos de vista contemporâneos, ou seja, moldados pelo contexto atual em que se encontra.

Bakhtin compreende que a comunicação é sempre um processo de negociação em que os sujeitos buscam construir um significado comum a partir de suas perspectivas distintas. O memorial é uma possibilidade de diálogo entre os indivíduos, ao possibilitar que os significados acumulados sejam transmitidos ao longo do

tempo. Em suma, analisar o conceito de memorial permite entender a linguagem como um processo dinâmico e interativo, em que os significados são construídos a partir das relações sociais entre os indivíduos. O memorial é a expressão da história e da cultura de um grupo social, manifestada por meio da fala, da escrita e da literatura. Assim, ele se relaciona com a noção de dialogismo, sendo a ideia de que a linguagem é um processo de interação entre sujeitos que possuem perspectivas e interesses iguais e/ou diferentes.

Além disso, no gênero discursivo memorial, também é evidenciada a maneira como o autor se posiciona em relação aos eventos que ele está relatando. Volóchinov (2017) destaca que todo discurso é marcado por posicionamentos ideológicos, ou seja, o autor sempre tem uma opinião sobre o que ele está falando, “a ideologia do cotidiano é o universo do discurso interior e exterior, não ordenado nem fixado, que concebe todo nosso ato, ação e estado consciente” (Volóchinov, 2017, p. 213). No caso do memorial, esse posicionamento ideológico se torna ainda mais evidente, uma vez que o autor está falando sobre sua própria vida e, portanto, traz suas próprias experiências e opiniões para o texto.

Outro aspecto importante do gênero discursivo memorial é a maneira como ele é construído. De acordo com Volóchinov (2017), todo gênero discursivo tem suas próprias regras e convenções, as quais são construídas a partir de interações sociais específicas. No caso do memorial, essas regras e convenções são construídas a partir da relação entre o indivíduo e a sociedade. Dessa forma, o memorial se torna uma ferramenta importante para compreender as regras e convenções que estão presentes na sociedade na qual o autor vive.

2 Construção Teórico-Metodológica Da Pesquisa

Ao aplicarmos o texto/enunciado como princípio desta pesquisa, temos em vista que, para Bakhtin, a realidade interacionista do sujeito e de seu discurso se revela no texto/enunciado por ele produzido, pois, para o autor, “Onde não há texto, não há objeto de pesquisa e pensamento [...]. Independentemente de quais sejam os objetivos de uma pesquisa, só o texto pode ser o ponto de partida” (Bakhtin, 2010, p. 308).

Ademais, a perspectiva dialógica na análise do discurso destaca a presença simultânea de diversas vozes, a interação contínua e a importância ética da linguagem, atribuindo uma qualidade intrinsecamente humanizadora à maneira como entendemos e praticamos a comunicação. Este método não só aprimora a análise linguística e dos discursos, como também fornece uma base teórica significativa para promover interações mais inclusivas, respeitadas e conscientes do poder transformador da linguagem na formação de relações interpessoais e sociais. Dessa forma, permite que o pesquisador adote uma abordagem mais humanizada ao analisar os dados coletados, afastando-se da perspectiva fria e imparcial tradicionalmente adotada.

Considerando o mesmo objeto de observação e análise – dois grupos de alunos em uma mesma série e memoriais produzidos por eles, é possível ampliar as oportunidades e melhorar as compreensões do objeto de pesquisa, efetuando relações do mundo vivido pelos sujeitos. Neste sentido, esta pesquisa se intitula como qualitativa, pois analisará os dados obtidos à luz dos teóricos do Círculo de Bakhtin.

A partir da metodologia apresentada em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2017) de Volóchinov e a metodologia sistematizada por Ferreguett (2014), elaboramos uma metodologia que atenda nosso objeto de estudo.

Ao considerar a complementaridade entre a abordagem metodológica em *Marxismo e filosofia da Linguagem* de Volóchinov (2017) e a metodologia sistematizada proposta por Ferreguett (2014), é possível perceber um diálogo fecundo entre as perspectivas teóricas e metodológicas que visam a compreender e desvelar as relações de poder, as hierarquias sociais e as formas de dominação presentes na linguagem e na comunicação.

Barbosa e Di Fanti (2020) estabelecem uma correlação com as duas orientações metodológicas apresentadas pelo autor por Volóchinov (2017) em *Marxismo e Filosofia da Linguagem - Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*: a primeira orientação, Volóchinov denomina “exigências metodológicas fundamentais”. A segunda, o teórico denomina de “ordem metodológica”. Ambas conduzem três orientações metodológicas. Para estabelecer essa relação, as autoras Barbosa e Di Fanti elaboram um quadro.

Quadro 1: Orientações metodológicas.³

Exigências metodológicas fundamentais	Ordem metodológica
<p>1. Não se pode isolar a ideologia da realidade material do signo (ao inseri-la na “consciência” ou em outros campos instáveis e imprecisos).</p> <p>2. Não se pode isolar o signo das formas concretas da comunicação social (pois o signo e uma parte da comunicação social organizada e não existe, como tal, fora dela, pois se tornaria um simples objeto físico).</p> <p>3. Não se pode isolar a comunicação e suas formas da base material.</p>	<p>1) [...] formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas;</p> <p>2) [...] formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica;</p> <p>3) [...] revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual.</p>

Fonte: Barbosa; Di Fanti (2020, p. 197)

³ Quadro tal qual apresentado pelas autoras.

As autoras, ao exporem essa comparação, esclarecem que a primeira abordagem trata do processo de transformações substanciais que cada signo experimenta em seu desenvolvimento social. Na segunda instância, “é fundamentada para o estudo da língua”, segundo Volóchinov (2017, p. 220). Elas destacam as semelhanças entre essas abordagens metodológicas distintas.

Com relação à primeira abordagem, Barbosa e Di Fanti (2020) argumentam que os signos possuem uma origem ideológica e que seu relacionamento não é objetivo, mas está vinculado a diferentes ideologias. De forma alternativa, a linguagem, tanto verbal quanto não verbal, deve ser vista em seu contexto sócio-histórico concreto, conectada à sua esfera discursiva específica. Isso permite que percebamos toda a expressão individual como ideológica, associando-se à esfera de atividade e ao ambiente de comunicação em que os signos se manifestam.

Sobre a segunda perspectiva, Barbosa e Di Fanti (2020) destacam que entre as duas orientações metodológicas, esta recebeu maior atenção devido à sua “indissociável relação entre o signo ideológico e as formas organizadas de comunicação, além da relação entre as formas dos enunciados e sua interação, ou seja, os gêneros envolvidos nas interações ideológicas.” (2020, p. 197). As autoras consideram que essas duas abordagens se completam e ressaltam a importância de ambas para a análise dos gêneros em sua natureza dinâmica e heterogênea, intrinsecamente ligados à interação social e às ideologias, das quais são parte integrante.

Na terceira instância, Barbosa e Di Fanti (2020) apontam uma relação peculiar entre formas linguísticas, sua realização concreta e a palavra como signo ideológico. Volóchinov (2018, p. 106) afirma que “o problema da correlação entre a base e as superestruturas [...] pode ser amplamente compreendido através do estudo da palavra”. Nessa perspectiva, a dialética do signo ideológico, entendida como a concretude da palavra, revela “suas multiacentuações e os valores que (trans)formam ideologicamente a sociedade.” (Barbosa e Di Fanti, 2020, p. 198). De acordo com Volóchinov (2018, p. 2020), é necessário entender a “revisão das formas da língua na sua concepção linguística comum” em seu uso concreto, isto é, no enunciado cotidiano comunicativo. “Por isso, a análise será do enunciado, considerando, entre outros aspectos, a dialética do signo ideológico, a multiplicidade de vozes e as posições axiológicas” (Barbosa e Di Fanti, 2020, p. 198).

Escolhemos, também, a metodologia sistematizada apresentada por Ferreguett (2014) porque visa proporcionar um arcabouço teórico e prático para a pesquisa em ADD, orientando o pesquisador na elaboração e execução de estudos que adotem uma perspectiva crítica e dialética. Assim, adaptamos os passos metodológicos seguidos pela autora de forma que atendam satisfatoriamente nosso objeto de estudo.

Na metodologia adotada para a produção discursiva do gênero memorial na turma em questão, iniciamos com a leitura de memórias do livro “Crianças do Brasil - suas histórias, seus brinquedos, seus sonhos”, de José Santos. Essas narrativas, que retratam experiências marcantes da infância de adultos, foram bem recebidas

pelos alunos devido à sua relevância com as realidades vividas por eles. Embora as memórias lidas não seguissem rigorosamente a estrutura do gênero memorial, a escolha desse material visou motivar os estudantes ao conhecimento desse tipo de texto. Após discutirmos as memórias, apresentamos um memorial descritivo de Criziane da Silva Madruga, que, graças à sua linguagem acessível, serviu como modelo para as próximas atividades.

Na aula subsequente, orientamos os alunos sobre como escrever um memorial e entregamos um roteiro para guiá-los nesse processo criativo. Eles foram incentivados a buscar ambientes tranquilos para a escrita, mas enfrentaram dificuldades iniciais, como insegurança sobre suas experiências e a inibição de expor seus relatos pessoais. Para aliviar essas tensões, reiteramos que suas identidades permaneceriam anônimas, permitindo que escolhessem pseudônimos. Após a coleta dos textos, realizamos uma triagem e leitura cuidadosa, durante a qual destacamos elementos discursivos que revelavam a individualidade dos autores. Finalmente, os textos foram organizados conforme o local de origem dos alunos, dividindo-os entre aqueles da zona rural e urbana.

3 O Gênero Memorial e Sua Cinesia Dialógica

A contextualização da vivência e do pertencimento dos sujeitos em uma pesquisa é crucial para a compreensão aprofundada dos resultados obtidos. Conhecer o contexto social, cultural e histórico dos participantes permite uma interpretação ampliada dos dados coletados, revelando nuances importantes e respeitando a diversidade das trajetórias individuais que influenciam suas experiências e comportamentos. Essa abordagem sensível e ética não apenas enriquece a qualidade e validade dos nossos estudos, mas também oferece insights mais robustos e significativos que refletem a complexidade das realidades vividas pelos sujeitos.

Um exemplo prático desse enfoque pode ser observado no município de Prado, na Bahia, onde a memorialista Lara está inserida. Com uma história marcada pela influência de uma comunidade indígena Aimoré e a elevação de vila a cidade em 1886, Prado se destaca atualmente como um destino turístico no Extremo Sul Baiano, conhecido por suas belas praias e oferta de serviços relacionados ao turismo. Além disso, a cidade mantém uma diversidade econômica que inclui artesanato e atividades rurais, refletindo uma complexa teia de interações sociais e culturais. A produção de gêneros discursivos, como os memoriais escritos por discentes, evidencia a natureza dialógica da linguagem proposta por Bakhtin, que considera a interação constante no discurso e a formação da identidade do sujeito por meio da comunicação.

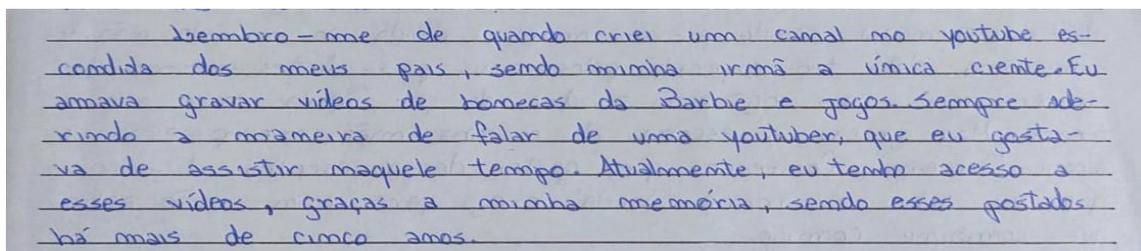
E, na perspectiva da ADD, é uma forma de discurso permeada pela interação social e pela dialogicidade. Sob esse prisma, destacaremos alguns excertos observando os critérios propostos na metodologia desta pesquisa. Cada texto será identificado pelo pseudônimo escolhido pelo discente.

Os excertos do primeiro memorial analisado foram produzidos por Lara, 14 anos, aluna do Ensino Fundamental II, 9º ano, moradora da Zona Urbana.

Excerto do memorial da Lara (2023)

Lembro-me de quando criei um canal no youtube escondida dos meus pais, sendo minha irmã, a única cliente. Eu amava gravar vídeos com bonecas da barbie e jogos. Sempre aderindo a maneira de falar de uma youtuber, que eu gostava de assistir naquele tempo. Atualmente, eu tenho acesso a esses vídeos, graças a minha memória, sendo esses postados há mais de cinco anos.

Figura 1: Memorial da Lara (2023) - Estudante urbana - Escaneado pela pesquisadora.



Fonte: Acervo das autoras.

Volóchinov (2017, p. 205) mostra que a palavra é basicamente dialógica - “e na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro”. Sob esse prisma, percebe-se no fragmento do memorial supracitado que, ao rememorar suas experiências com a irmã, toda essa relação dialógica permeada pelos discursos de outras vozes, nesse caso, as vozes da internet, dos *youtubers*, fica exteriorizada por meio das escolhas lexicais: “Sempre aderindo à maneira de falar de uma ‘youtuber’, que eu gostava de assistir naquele tempo.”

Na perspectiva da análise dialógica de discurso, a experiência narrada reflete a emergência de um eu em sua interação com a mídia. A articulação do “eu” se dá por meio de intertextualidades e influências dialógicas, evidenciadas pela emulação de maneirismos e discursos específicos presentes nos conteúdos consumidos. A presença de elementos dialógicos entre a autoria dos vídeos e a audiência representada (a irmã e potencialmente outros interlocutores imaginados) cria um espaço discursivo rico e complexo.

A ocultação do canal em relação aos pais sugere uma negociação entre as expectativas sociais e a expressão pessoal, destacando os limites impostos pela autoridade familiar e a busca por autonomia discursiva.

A interação lúdica com bonecas e jogos como temas dos vídeos revela uma negociação entre o imaginário infantil e a influência midiática, apontando para a construção de uma identidade moldada por diferentes discursos e performances ao longo dos anos. É como se houvesse um diálogo entre o “eu adolescente” e o “eu criança”, revelando insights sobre como foi influenciada pelas vozes que a cercavam.

As vozes que interagem no discurso são sempre diferentes e, portanto, têm

pontos de vista e experiências distintas. Essas ressonâncias podem ser notadas nas palavras da memorialista:

Excerto do memorial da Lara (2023)

O meu nascimento ocorreu em uma manhã de festividades do carnaval, sendo assim, minha vinda ao mundo não foi em uma data tão esperada pelos meus pais. Antes mesmo de nascer, meus pais cogitavam a ideia de por "Leila" como meu nome.

Figura 2: Memorial da Lara (2023) - Estudante urbana - Escaneado pela pesquisadora.

Fonte: Acervo das autoras.

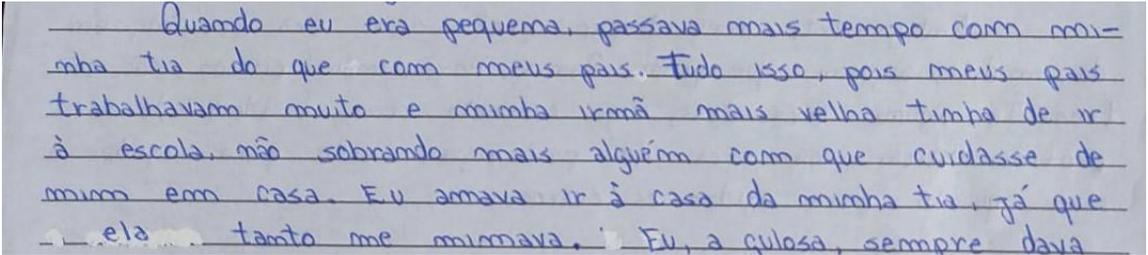
O relato do nascimento revela uma relação de eventos pessoais com o universo simbólico e cultural que envolve a celebração do carnaval e demonstra, nesse fio discursivo, todo um contexto urbano. O momento do nascimento em meio às festividades ressalta a imprevisibilidade e a complexidade das circunstâncias, evidenciando a interação entre o destino pessoal e o contexto cultural. A partir de suas palavras, as quais são palavras do outro (os pais), mas carregadas de seu próprio valor. E ao citar a festa do carnaval, (festividades do carnaval, não foi em uma data tão esperada pelos meus pais) parece claro que não é qualquer festa, uma festa popular no Brasil e, pela escolha do léxico, mostra que era uma festa muito importante para seus pais, quando afirma que não foi em uma data tão esperada pelos seus pais.

Pelo recurso linguístico da memorialista, pareceu ser um fato negativo, segundo seu julgamento e expressividade singular. No entanto, ao recorrer à expressão: Antes mesmo de nascer, isso não se confirma, por ficar claro o quanto era esperada e desejada pelos pais, os quais já se preocupavam com a escolha do seu nome. Este exemplo também é significativo para se entender o que se torna uma consciência cultural, como pontua Bakhtin (2010, p.89), “Este é o caminho pelo qual uma consciência viva torna-se consciência cultural, e uma consciência cultural se encarna em uma consciência viva. Houve um tempo em que o ser humano afirmou realmente todos os valores culturais, e agora está ligado a eles.”

A menção à cogitação do nome “Leila” antes do nascimento aponta para a negociação de identidades em meio a uma rede de influências e projeções simbólicas (Moscovici, 2003). A escolha do nome, como expressão de uma relação dialógica entre pais, família e tradições culturais.

Quando eu era pequena, passava mais tempo com minha tia do que com meus pais. Tudo isso, porque meus pais trabalhavam muito e minha irmã mais velha tinha de ir à escola. Não sobrando mais alguém que cuidasse de mim em casa. Eu amava ir à casa da minha Tia, já que ela me mimava muito.

Figura 3: Memorial da Lara- Estudante urbana- Escaneado pela pesquisadora.



Quando eu era pequena, passava mais tempo com minha tia do que com meus pais. Tudo isso, porque meus pais trabalhavam muito e minha irmã mais velha tinha de ir à escola. Não sobrando mais alguém com que cuidasse de mim em casa. Eu amava ir à casa da minha tia, já que ela tanto me mimava. Eu, a gulosa, sempre dava

Fonte: Acervo das autoras.

Observamos a formação da identidade do eu por meio das relações afetivas e interpessoais, destacando a influência das figuras parentais e não parentais, especialmente a tia, no desenvolvimento identitário. A presença significativa da tia ilustra como as interações fora da família nuclear contribuem para uma compreensão mais ampla da família urbana contemporânea, cuja configuração é moldada por dinâmicas sociais e emocionais pluralistas.

Além disso, aborda as inter-relações entre responsabilidades profissionais e cuidados parentais em um contexto urbano, evidenciando como a necessidade de ambos os genitores no mercado de trabalho afeta a estrutura familiar. Essa realidade traz desafios que exigem uma reconfiguração das dinâmicas familiares, na qual a figura da tia pode oferecer suporte afetivo e mediador, ressaltando a importância do diálogo com outras vozes e experiências na construção da identidade individual. Assim, o sujeito se compreende em relação ao outro, reconhecendo a diversidade de perspectivas que contribuem para sua autoidentificação.

O memorial escrito por Ana, aluna do 9º ano do Ensino Fundamental II, reflete a vivência de uma jovem moradora da comunidade rural Pontinha, também conhecida como “Terra do Beiju”. Para uma melhor compreensão da história contada, é fundamental analisar o contexto de pertença dessa aluna. As visitas e pesquisas realizadas indicaram que a comunidade não passou pelo processo de assentamento do INCRA.

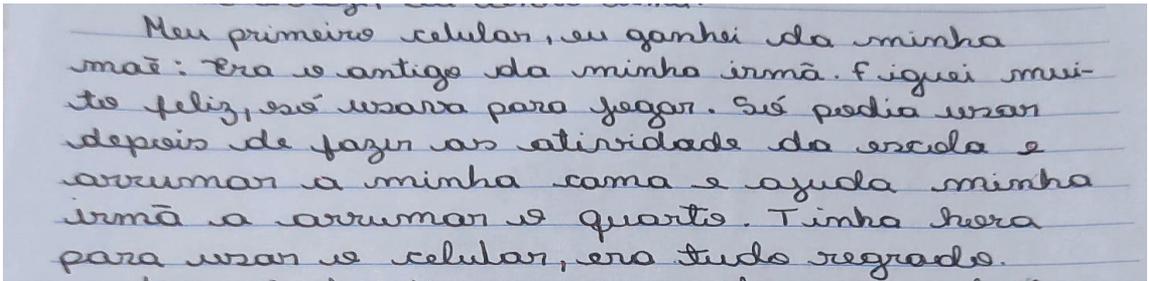
Na Comunidade da Pontinha, a produção tradicional de beiju, um alimento de origem indígena, reforça o sentimento de pertencimento da Ana e fundamenta o nome do lugar, evidenciando a continuidade de saberes e práticas culturais entre os moradores. A proximidade das moradias na comunidade simboliza não apenas a coesão social, mas também a importância da partilha de recursos e da conexão humana, características essenciais da vida rural.

Os excertos seguintes são do memorial escrito por Ana, 14 anos, aluna do Ensino Fundamental II, 9º ano, moradora da Zona Rural.

Excerto do memorial da Ana (2023)

Meu primeiro celular, eu ganhei da minha mãe: era o antigo da minha irmã. Fiquei muito feliz, só usava para jogar. Só podia usar depois de fazer as atividades da escola e arrumar a minha cama e ajuda minha irmã a arrumar o quarto. Tinha hora para usar o celular, era tudo regado.

Figura 4: Memorial da Ana (2023) – Estudante rural – Escaneado pela pesquisadora.



Fonte: Acervo das autoras.

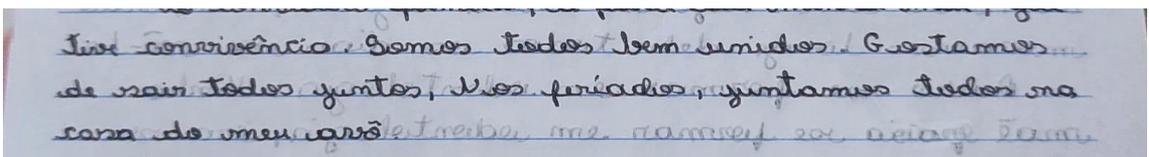
A experiência do primeiro celular revela um diálogo entre o indivíduo e as expectativas familiares e escolares, destacando a continuidade e compartilhamento de práticas associadas ao objeto herdado da irmã. A atitude da mãe em presenteá-la com o celular antigo não apenas reflete generosidade, mas também encoraja uma dinâmica de reaproveitamento de recursos na família. A imposição de horários e tarefas antes do uso do celular ilustra as relações de poder e responsabilidade, onde interações normativas orientam as práticas cotidianas. A colaboração nas tarefas, como “ajudar minha irmã a arrumar o quarto”, enfatiza a interconexão de responsabilidades, reforçando valores de colaboração, respeito e comprometimento no ambiente familiar, o que fortalece os laços e promove uma educação fundamentada em princípios sólidos. O contexto rural vivido por Ana contrasta com o de Lara, indicando que “cada época e cada grupo social possui o seu próprio repertório de formas discursivas da comunicação ideológica cotidiana” (Volóchinov, 2017, p. 109).

E nesse contexto familiar dialógico e de respeito mútuo, que Ana retrata a sua família:

Excerto do memorial da Ana (2023)

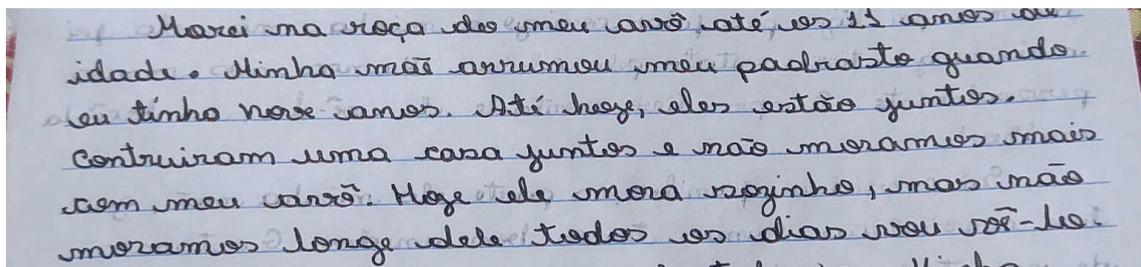
Somos todos bem unidos. Gostamos de sair juntos. Nos feriados, juntamos todos na casa do meu avô [...] [...] Morei na roça do meu avô até aos 11 anos de idade. Minha mãe arrumou meu padrasto quando eu já tinha nove anos. Até hoje, eles estão juntos e construíram uma casa juntos e não moramos mais com meu avô. Hoje, ele mora sozinho, mas não moramos longe dele. Todos os dias vou vê-lo.

Figura 5: Memorial da Ana (2023) – Estudante rural – Escaneado pela pesquisadora.



Fonte: Acervo das autoras.

Figura 6: Memorial da Ana (2023) - Estudante rural - Escaneado pela pesquisadora.



Fonte: Acervo das autoras.

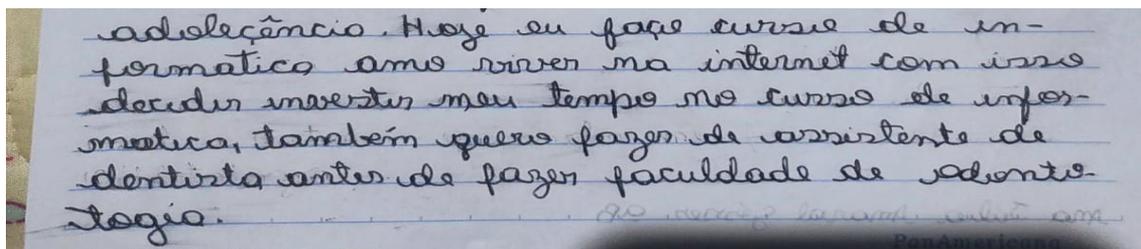
No relato apresentado, a vida de uma adolescente rural é destacada pelo fortalecimento dos laços familiares e conexão com a comunidade local. A narrativa enfatiza a importância da união familiar, evidenciada nos hábitos de celebrações conjuntas e reuniões na casa do avô, ilustrando a continuidade de tradições familiares. Estes aspectos reforçam a coesão e o apoio mútuo entre os membros da família, fundamentais para o desenvolvimento do adolescente. A vivência na roça do avô até os 11 anos marca uma forte ligação com esta figura, cuja influência é significativa na construção da identidade da jovem. A mudança para uma nova moradia com a mãe e o padrasto representa um desafio que evidencia sua capacidade de adaptação e resiliência diante das transformações familiares que enfrenta.

Mesmo com a mudança, a adolescente mantém contato diário com o avô, destacando a importância dos vínculos afetivos e as relações intergeracionais. O relato de Ana revela que a prática de se reunir na casa do avô cria um ambiente de pertencimento e coesão comunitária, facilitado pela proximidade das moradias nos assentamentos. Este cenário familiar molda interações baseadas na afetividade e ideologia de coesão, em consonância com o que diz Volóchinov (2017, p. 95), “uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto apenas no processo de interação social”.

Excerto do memorial da Ana (2023)

Hoje eu faço curso de informática amo viver na internet com isso decidir investir meu tempo no curso de informática, também quero fazer de assistente de dentista antes de fazer a faculdade de odontologia.

Figura 7: Memorial da Ana - Estudante rural - Escaneado pela pesquisadora.



Fonte: Acervo das autoras.

O relato evidencia a relevância dos sonhos e da responsabilidade na vida da memorialista, que, apesar das turbulências da adolescência, demonstra um planejamento consciente voltado para o futuro. A escolha de cursar informática, motivada pela paixão pela internet, reflete seu interesse em desenvolver novas habilidades e crescer pessoal e profissionalmente na área de tecnologia. Ademais, a aspiração de se tornar assistente de dentista antes de ingressar na faculdade de odontologia revela uma intenção de ganhar experiência prática na saúde bucal, evidenciando uma abordagem responsável e estratégica em sua trajetória profissional. Nesse contexto, a relação com os pais é marcada por empatia e respeito mútuo, onde a memorialista reconhece as diferenças individuais e aceita a hierarquia familiar, permitindo diálogos respeitosos que enriquecem sua formação identitária e interpessoal.

Considerações finais

Embora a produção escrita dos discentes tenha sido concisa — abaixo das expectativas de textos mais longos e detalhados sobre o cotidiano em família e na comunidade, o trabalho com este gênero discursivo favoreceu a compreensão do sujeito dialógico na narrativa de sua história e suas posições em relação a si mesmo e ao grupo. As experiências passadas dos estudantes se refletiram de maneira significativa no presente, permitindo-nos perceber que a construção identitária desses indivíduos ocorre em circunstâncias variadas. Nos trechos analisados, os alunos estabelecem, mesmo que inconscientemente, uma relação dialógica ao compartilhar suas experiências sociais, culturais e históricas, que, em alguns momentos, se distinguem e, em outros, se assemelham. Como afirma Bakhtin (2003, p. 349), “o homem entra no diálogo como voz integral. Participa dele e não só com seus pensamentos, mas também com seu destino, com toda a sua individualidade”.

As alunas expressaram tanto suas vivências quanto suas aspirações futuras em suas narrativas, evidenciando como esses processos são moldados por um contexto social que influencia seu compartilhamento de discursos familiares. Ana, por exemplo, menciona o desejo de se profissionalizar conforme as expectativas da mãe. Bakhtin (2017, p.58) observa que “nossa própria ideia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros”, o que se reflete nas falas dos alunos e na formação de suas identidades.

Além disso, os relatos das memorialistas desmantelam a percepção tradicional que associa os jovens rurais a um estilo de vida limitado a habilidades práticas relacionadas ao campo, mostrando seu desejo de sonhos mais amplos e a utilização da tecnologia. É crucial, portanto, combater estereótipos e proporcionar uma visão mais inclusiva dos adolescentes rurais, reconhecendo suas contribuições e oferecendo igualdade de acesso a oportunidades educacionais. Para isso, políticas públicas efetivas devem ser elaboradas. O entendimento da dicotomia entre vida

urbana e rural, observada pela discente, destaca a importância de atravessar essa fronteira, algo que minha experiência prévia com esses jovens e a análise de seus memoriais permitem apreciar de maneira significativa.

Pontuamos na introdução da dissertação de mestrado alguns questionamentos a respeito da diferença percebida do comportamento em sala de aula dos discentes rurais em relação aos discentes urbanos. Após a análise dos memoriais, a possível razão pela qual os discentes rurais apresentam maior tranquilidade, disciplina e respeito em relação aos professores pode ser atribuída ao contexto social em que estão inseridos. Os valores e normas predominantes nas comunidades rurais, caracterizadas por laços de proximidade e reciprocidade, podem levar esses adolescentes a internalizar desde cedo princípios de respeito, cooperação e obediência. Ademais, as vivências cotidianas da discente rural, que incluem atividades laborais, como tarefas domésticas, contribuem para o desenvolvimento de habilidades como disciplina e responsabilidade, que se refletem em atitudes favoráveis no ambiente escolar.

Por outro lado, a discente urbana não relatou a mesma exposição a tarefas domésticas, o que, segundo estudos recentes, pode impactar negativamente suas posturas colaborativas e responsáveis na escola. A realidade urbana, marcada por ritmos acelerados e individualismo, pode dificultar a interação respeitosa entre adolescentes e professores. É relevante destacar que nossas observações são baseadas na análise dos memoriais e cada adolescente é único, apresentando experiências diversas. Também notamos que o suporte familiar é fundamental nas vidas das participantes, proporcionando uma base sólida para a construção da identidade e desenvolvimento de valores, além de fortalecer a autoestima e resiliência das adolescentes frente às dificuldades da vida.

Aproveitamos para convidar o leitor para uma leitura aprofundada de toda a pesquisa; o estudo pode ser acessado no site do Repositório Institucional da Universidade do Estado da Bahia - UNEB⁴. Na dissertação, será possível visualizar os memoriais completos, os vários recortes e análises deles.

THE MEMORIAL GENRE AS A DIALOGICAL PROCESS OF IDENTITY (RE) CONSTRUCTION

Abstract: *This article presents two analyzes of memorials produced, in the classroom, by students of the ninth grade of elementary school II, from the rural and urban area, enrolled in the 9th grade of the Anísio Teixeira Municipal College - CMAT, in the City of Prado, Bahia State. It discussed how these memorials are built, represent and relate to the identities of students writers. From a comparative analysis, the points of approximation and/or distancing of the identity construction of ninth grade*

4 SILVA, Tania Benedita Fortunato. *O gênero memorial como processo dialógico de (re)construção identitária*. Orientadora: Cristhiane Ferreguett. 2024. 112f. Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós Graduação em Letras - PPGL, Campus X. 2024. Disponível em: <https://saberaberto.homologacao.uneb.br/items/fa57b4c3-dbc5-485f-bfa0-6364eb8beb15/full>

students, from the rural and urban zone, are identified through the memorials - corpus of this research. As a theoretical-methodological basis, the specific approach to the research in Human Sciences presented by the Dialogical Discourse Analysis, Bakhtin (2017), Volóchinov (2017) and Medviédev (2012) is discussed. The discussion about speech genres stands out, from the Bakhtinian perspective, for a better understanding of the memorials and dialogical relations present in the discourses of the subjects of this research. The analyzes are developed qualitatively and comparatively, observing similarities and differences in the verbal discourses that constitute the selected memorials, being one of a student from the urban zone and another from the countryside. From the analyzes performed, we realized how past experiences and future dreams of these subjects reflect their identities in formation, contradicting stereotypes and highlighting the importance of family and the social environment in the construction of their identities.

Keywords: Identity construction; Discursive genre; Memorial.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. . Tradução de Paulo Bezerra.

BAKHTIN, Mikhail; DUVAKIN, Viktor. *Mikhail Bakhtin em diálogo - Conversas de 1973 com Viktor Duvakin*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010a. 476p.

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010b. 155p. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal. In: *Questões de literatura estética: a teoria do romance*. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 2014[1924]. Tradução de Aurora Fomoni Bernardini (et al).

BAKHTIN, Mikhail. *Os Gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2017. Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas); Notas da edição russa: Seguei Botcharov.

BARBOSA, Vanessa; DI FANTI, Maria Da Glória. Notas sobre gêneros do discurso em Bakhtin, Volóchinov e Medviédev. IN: ROCHA, Décio *et al*. *Em discurso 4 — Pesquisar com gêneros discursivos: interpelando mídia e política organizadores*. 1ª ed. Rio de Janeiro-RJ: Cartolina, 2020, 250 p. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/19773>. Acesso em 20 ago 2023.

FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo*. Ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

FERREGUETT, Cristhiane. *Relações dialógicas em revista infantil: processo de adultização de meninas*. Orientador: Profa. Dra. Maria da Glória Corrêa di Fanti. 243 f. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de pós-graduação em Letras- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul- PUCRS. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/6929>. Acesso em 09 Jan. 2023.

MACIEL, Lucas Vinício de Carvalho. Além de “Os gêneros do discurso”. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 53, n. 1, p. 27-38, 2011.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. *O método formal nos estudos literários: introdução a uma crítica poética sociológica*. São Paulo: Contexto, 2012[1928]. Tradutoras Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais - Investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. Tradução de Pedrinho A. Guareschi.

OLIVEIRA, Gisele de Freitas Paula. *Diálogos e silenciamentos docentes: O(s) Gênero(s) do Discurso argumentativo em sala de aula*. Orientador: Luciano Novaes Vidon. 215 f. 2021. (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística- Universidade Federal do Espírito Santo -UFES. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/items/eea340d7-5047-4c2d-ad0b-2e253f1af3c7>

SANTOS, José. *Crianças do Brasil - Suas histórias, seus brinquedos, seus sonhos*. São Paulo: Peirópolis, Museu da Pessoa, 2008. 96 p.

SARTORI, Adriane Teresinha. *Os professores e sua escrita: o gênero discursivo “memorial de formação”*. Orientador: Profa. Dra. Raquel Salek Fiad. 219p. 208. Tese (doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1607029>. Acesso em: 09 jan. 2024.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 1ª ed., São Paulo: Editora 34, 2017. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo.

Recebido em 15 de outubro de 2024

Aprovado em 25 de novembro de 2024